



**PAULO DE MOURA MARQUES**

Sócio da AAMM – Abecasis, Azoia, Moura Marques & Associados

## DO ALÍVIO À INCERTEZA

Os mercados de serviços legais na City, especialmente as sociedades da golden mile, sejam as sociedades de advogados britânicas ou aí estabelecidas, perceberam o perigo que esta separação traz consigo. Londres pode perder a sua primazia como centro de transacções pan-europeias e de arbitragens internacionais.

Choque, incredulidade, irrelevância e alívio. No período pós-Brexit assistimos a todas estas fases.

Do choque inicial, passámos à incredulidade. Fora orquestrado um referendo que congregara em torno do governo britânico (oficialmente apoiante do “Remain”) figuras europeias de relevo e do outro lado do Atlântico. Não resultou. O debate foi pobre, a perda tangencial e com sabor amargo aos pró-europeístas.

A libra caiu mais de 15% desde a sua cotação há um ano, quando o então primeiro-ministro, David Cameron, iniciou as negociações que levaram ao referendo, nunca mais atingindo o máximo de \$1.50 para o dólar e de €1.18 para o euro. Desde esse dia 23 de Junho, grandes multinacionais anunciaram planos para saírem do Reino-Unido caso o Brexit fosse adiante (e vai), os descontentes pediram um novo referendo, o governo britânico mudou, a União Europeia conformou-se e pede agora uma rápida saída. O RU tarda na invocação do art. 50.º do Tratado de Lisboa, pretendendo assim ganhar tempo precioso para Londres organizar os seus dossiers, agora que tem como objectivo negocial um acordo que a coloque tão próximo quanto possível de um estatuto privilegiado de acesso ao mercado único, sem dele fazer parte (aditem-se, em opiniões, modelos próximos daquele que usufruiu a Suíça ou a Noruega). No imediato, as consequências para a UE e para os seus estados (os restantes) estão longe da catástrofe anunciada. As bolsas não entraram em crash – aliás nem o FTSE 100, mas esse devido ao facto de as empresas que o compõem terem a maioria dos seus lucros fora do RU

**“Essa será a receita a seguir pelas maiores sociedades de advogados estabelecidas em Londres para continuarem a prosperar: potenciar a sua presença noutras capitais europeias, ou seja, promover escritórios noutros pontos do continente ou ligar-se a sociedades nessas cidades onde ainda não estejam representada”**

– e o euro mantém-se estável face ao dólar. Portanto, deste lado da Mancha business as usual, tendo o recente encontro Renzi-Holland-Merkel servido, antes de mais, para dar nota pública de que existe um alívio, tornado conformismo, com o facto de o resultado do referendo não ter gerado qualquer onda de convulsão económica ou social no grupo dos que ficam.

Mas os mercados de serviços legais na City, especialmente as sociedades da golden mile, sejam as

sociedades de advogados britânicas ou aí estabelecidas, perceberam o perigo que esta separação traz consigo. Londres pode perder a sua primazia como centro de transacções pan-europeias e de arbitragens internacionais, ambientes típicos em que as grandes sociedades de advogados de Londres actuam e onde obtêm parte generosa dos seus rendimentos. O global chairman da Baker & McKenzie dava conta, em declarações ao Financial Times, que não pretendia adoptar uma visão pessimista, segundo a qual Londres perderá influência como centro de prestação de serviços jurídicos. Reconhecia, porém, que a via para atenuar o impacto do Brexit no mercado jurídico era a circunstância de a Baker & McKenzie ter já um conjunto de escritórios em outros pontos da Europa que lhe permitiam assegurar essa alteração estrutural.

Tudo sugere que essa será a receita a seguir pelas maiores sociedades de advogados estabelecidas em Londres para continuarem a prosperar: potenciar a sua presença noutras capitais europeias, ou seja, promover escritórios noutros pontos do continente ou ligar-se a sociedades nessas cidades onde ainda não estejam representadas. Oportunidades surgirão para o crescimento das sociedades de advogados não-britânicas se Londres perder posição.

A questão seguinte e que definirá as relações dos mercados – jurídico incluído – entre o RU e a União Europeia será a do modelo de relação adoptado, quando já nada parece poder ficar como antes nas relações com o RU. Após o alívio, segue-se a incerteza.

**“O global chairman da Baker & McKenzie dava conta reconhecendo que a via para atenuar o impacto do Brexit no mercado jurídico era a circunstância de ter já um conjunto de escritórios em outros pontos da Europa que lhe permitiam assegurar essa alteração estrutural”**